

## UFPA: entre a tecnocracia e o humanismo

Fábio Fonseca de Castro

Publicado em O Diário do Pará

31 de agosto de 2014

O que dizer de uma universidade pública quando ela se permite, se dá ao luxo, de, em nome do produtivismo e dos índices que a avaliam, desperdiçar experiências? Que dizer de uma universidade pública quando títulos, mesmo que de doutorado, passam a valer mais que a inteligência? Quando atas e protocolos se sobrepõem ao diálogo? Quando formulários preenchidos passam a valer como atestados de eficácia?

Esses processos são cada vez mais comuns na universidade pública brasileira, que parece consolidar uma tendência à tecnocracia e caminhar em direção àquilo que a teoria crítica chamava de “sociedade administrada”. Apesar de progressos quantitativos e qualitativos e de conquistas físicas e materiais, evidentes na última década, me parece necessário refletir melhor sobre a universidade pública, em geral, e sobre a UFPA, em particular. Particularmente no que diz respeito ao seu projeto como instituição.

Uma instituição é um projeto complexo, que se coloca na sociedade de maneira duradoura, permitindo múltiplas e contraditórias perspectivas e que está assentada na experiência histórica da sociedade. A universidade deve se pensar como instituição, à semelhança da família, da igreja, do governo, etc. Essas entidades têm por característica o fato de abrigarem formas e dinâmicas variadas, e mesmo

contraditórias, num processo de longa duração.

O problema é que o projeto de ser uma instituição, que deveria ser o projeto da universidade pública, tem naufragado diante do projeto, concorrente, de ser uma organização. Ao contrário da instituição, uma organização é uma entidade cuja eficácia se mede em termos de gestão de recursos e estratégias de desempenho, dominada por uma espécie de síndrome de produtivismo. Enquanto uma instituição ocupa um lugar colaborativo e construtivo na sociedade, uma organização e se relaciona as demais instituições e organizações por meio da competição.

Penso que a UFPA, tal como a universidade brasileira, em geral, caminha na direção de se tornar uma mera organização. Em troca de pontuações esdrúxulas, criadas por indivíduos que desconhecem as múltiplas realidades regionais brasileiras – e, pior, que parecem desconhecer as razões das disparidades regionais – passamos a nortear nossa visão de mundo por um produtivismo inócuo. Não sou contra avaliações, muito pelo contrário, mas creio que as avaliações devem ser pensadas racionalmente, em função do contexto e da experiência histórica dos avaliados.

Em nome desse produtivismo estamos nos dando ao luxo de desperdiçar as

experiências acadêmicas que não se traduzem em números, índices, protocolos e outros códigos. Em nome dele, professores e estudantes aceitam se curvar a exigências que são exteriores ao trabalho intelectual.

O resultado é um modelo produtivista e fisiológico, no qual o ensino se transforma num saber contingente e com valor estratégico. A pesquisa, por sua vez, se torna a mera afirmação de um saber de referencia, a citação dos pares poderosos que, à nível nacional, controlam os comitês de área das agências de fomento. No máximo, ela é um instrumento para alcançar objetivos pré-determinados. O debate, que deveria e poderia ser público, aberto e franco, se torna um jogo cênico em reuniões fechadas de colegiado ou em mútuos elogios, que favorecem a desagregação interna e impedem a autocrítica.

O grande problema, na verdade, é que essa concepção de universidade leva a uma concepção política passiva e pequena de mundo. O modelo

tecnocrata se norteia por princípios de uma suposta eficácia que se encerra nela mesma, sem gerar processos sociais mais amplos. É o modelo que adora papeis, burocracias, reuniões longas e conflitos de corredor. É o modelo que adora atas e que cobra assinaturas, horários, fichas, formulários, relatórios. É o modelo que tira tempo de pesquisa para manusear o supérfluo, criando a ficção de que o trabalho acadêmico constitui uma teia de microtarefas burocráticas e uma rede de microcombates de corredor para possuí-las.

Na UFPA, e na universidade pública em geral, precisamos travar um combate. A universidade tem a função histórica de ser um centro do saber não conformado, da dúvida, do incômodo, do debate, e não da fórmula, da forma e do formulário. Precisamos renovar o humanismo da universidade pública. Precisamos lutar contra os tecnocratas, que constroem organizações, como humanistas, que construímos instituições.